



DA TEORIA À PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO: RELATOS DE SALA DE AULA

FROM THEORY TO DOCUMENTARY PRODUCTION: CLASSROOM REPORTS

Alliny Maia Siqueira de Carvalho

Universidade Federal de Goiás, Brasil

allinymaia@gmail.com

Resumo

Este trabalho aborda a potencialidade do uso da imagem e de recursos audiovisuais em processos de ensino-aprendizagem. Trata-se de um relato resultante de experiências vividas em sala de aula, sob duas diferentes perspectivas. A primeira decorre da experiência vivida enquanto aluna da disciplina “Trabalho de Campo e Narrativas Digitais”, ministrada no PPG em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais (UFG). Enquanto a segunda perspectiva é baseada na vivência de um estágio-docência, desenvolvido na disciplina “História do Têxtil e do Vestuário”, ministrada no curso de bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais (UFG). No decurso das duas disciplinas mencionadas, a produção de filme documentário foi adotada como metodologia de ensino e de avaliação. A partir do desenvolvimento desta atividade, destacou-se o modo como a mediação de recursos audiovisuais possibilitou um redirecionamento do olhar dos alunos para além da teoria, da sala de aula e mesmo da disciplina. A experiência vivida em ambas conduziu à reflexão a respeito da necessidade de se pensar práticas educativas que utilizem as imagens, bem como metodologias que favoreçam uma compreensão crítica da Cultura Visual. Foi possível concluir que a utilização do cinema documentário enquanto metodologia de ensino-aprendizagem, sobretudo no âmbito da graduação, serviu como um meio de levar os alunos a problematizar de forma crítica o conhecimento adquirido. Isso se deu à medida que esse conhecimento foi levado para fora da sala, para ser pensado sob outras perspectivas, através da imagem e do som. Permitindo que os alunos lançassem um olhar atento sobre as imagens para compreender questões que extrapolam o conhecimento teórico pré-concebido.

Palavras-chave: artes; filme documentário; metodologia de ensino.

Abstract

This work addresses the potential of the use of image and audiovisual resources in teaching-learning processes. It is resultant from classroom experiences, under two different perspectives. The first one stems from the student experience in the “Fieldwork and Digital Narratives” discipline, taught at the PPG in Art and Visual Culture at the Faculty of Visual Arts (UFG). While the second perspective is based on the experience of an internship-teaching, developed in the discipline “History of Textiles and Clothing”, taught in the bachelor’s degree in Fashion Design of the Faculty of Visual Arts (UFG). During the two disciplines mentioned, the production of documentary film was adopted as teaching methodology and evaluation. From the development of this activity, it was highlighted how audiovisual mediation allowed a redirection of the students’ look beyond the theory, the classroom and even the discipline. The experience in both led to the reflection on the need to think about educational practices that use the images, as well as methodologies that favor a critical understanding of Visual Culture. It was possible to conclude that the use of documentary cinema as a teaching-learning methodology, especially in the scope of graduation, served as a means to lead students to critically problematize the knowledge acquired. This occurred as this knowledge was taken out of the classroom, to be thought from other perspectives, through image and sound. Allowing students to take a close look at images to understand issues that go beyond preconceived theoretical knowledge.

Keywords: art; documentary film; teaching methodology.

Introdução

Este artigo tem como seu principal objetivo a realização de um relato, que parte da experiência de produção de um filme documentário enquanto metodologia de ensino-aprendizagem. As reflexões que serão desenvolvidas neste texto são resultantes de processos observados em sala de aula em dois cenários distintos: uma disciplina que integra a grade curricular de um curso de graduação em Design de Moda e outra oferecida em Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, ambos da Universidade Federal de Goiás.

A primeira disciplina, na qual desenvolvi um estágio-docência, é intitulada “História do Têxtil e do Vestuário”, ministrada no curso de bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais (UFG). A segunda, que participei enquanto aluna, é intitulada “Trabalho de Campo e Narrativas Digitais”, ministrada no PPG em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais (UFG). No decurso dessas duas disciplinas, das quais participei enquanto estagiária e aluna, respectivamente, no ano de 2017, foi feita aos discentes a proposta de realização de um filme documentário. Esta atividade compôs o processo de aprendizagem e figurou também como método avaliativo em ambas.

A dupla experiência com a produção de filme documentário que pude ter nesses dois contextos, enquanto aluna e através da observação dos alunos da turma em que foi realizado o estágio, despertou algumas reflexões a respeito de questões como: a importância de propostas interdisciplinares na composição de currículos dos cursos de ensino superior no Brasil, em especial no curso de Design de Moda; a complexa versatilidade do cinema documentário como fonte de dados e método didático na prática de atividades de pesquisa; bem como a importância de despertar nos estudantes uma criticidade que os faça pensar sua formação considerando seu papel social e político, não apenas profissional.

Essas questões serão discutidas, no que diz respeito ao ensino, a partir das ideias de Efland, Freedman e Sthur, que abordam a educação em arte na pós-modernidade. A partir de dados da pesquisa de Caldas, Pereira e Wassem realizada sobre composição dos currículos de cursos do ensino superior e de recentes considerações de Martins e Sérgio sobre imagem, mídia e ensino.

Para ir um pouco mais a fundo nas questões relacionadas ao papel do som e, em especial, da imagem na sala de aula, servirão de amparo as ideias propostas por Samain; Christin; e Mitchell. Enquanto Ribeiro; Cunha e Teodoro são citados para introduzir nas discussões levantadas por meio deste, a importância do cinema documentário bem como da antropologia visual no diálogo multidisciplinar e para a introdução dos recursos audiovisuais no ensino.

Algumas questões relativas ao ensino, abordadas pelos autores citados e também observadas no cotidiano de vivências na universidade, serviram de estímulo para a elaboração deste trabalho, em face da real necessidade de revisão dos currículos e metodologias aplicados no ensino público superior no Brasil.

No que diz respeito ao campo de estudos de artes, em geral, ainda é muito incipiente o diálogo com outras áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade passa a se tornar mais palpável apenas nos cursos de pós-graduação. Esse diálogo, contudo, é de extrema importância para que o ensino se torne mais completo. Em relação às demais áreas, é comum a desvalorização da imagem e a falta de preparo para explorar o seu potencial no processo de ensino e pesquisa. Apesar de não propor uma profunda discussão a respeito de todas essas questões citadas, por meio deste trabalho, considero importante tecer alguns comentários que abordam esse tema mais amplo antes de chegarmos aos relatos.

Novos caminhos e políticas curriculares

Nota-se nas práticas do ensino superior no Brasil, em especial nas políticas curriculares, uma preocupação crescente com a promoção de um ensino que seja mais abrangente, cultural e interdisciplinar. Essa preocupação se estende à construção de saberes baseados na observância de aspectos relacionados ao meio social e às práticas cotidianas.

Um movimento de discussão sobre aspectos curriculares também tem promovido mudanças em universidades da Europa e América do Norte, que dão ênfase à importância de oferecer ao estudante uma formação que ultrapasse os limites da especialização (CALDAS, PEREIRA, WASSEM, 2013). Isso aponta para um despertar global para essas questões.

Nesse sentido, Efland, Freedman e Sthur (2003, p. 79) comentam, baseados em ideias propostas por Aronowitz e Giroux, que é de expressiva importância a adoção de processos educativos que promovam uma cultura crítica e menos focada nos limites de disciplinas. Sendo capazes de abranger conteúdos multidisciplinares, relacionados à cultura visual. Ressaltam também a importância sociocultural de uma educação que promova a tomada de consciência do poder educativo dos meios de comunicação e de representações midiáticas que, segundo Martins e Sérgio “se apresentam como atraente possibilidade de troca, instigando diálogos e práticas que demandam algum tipo de negociação, ajudando os indivíduos a construir maneiras de compreender, interagir e se adaptar ao mundo” (MARTINS, SERVIO, 2016, p. 245).

Como resultado e também em resposta a essas demandas do ensino, progressivamente, os currículos têm-se tornado menos limitados. Esse processo tem sido viabilizado por meio de propostas que visam à formação de profissionais mais críticos e responsáveis social e politicamente. Consequentemente, os estudantes correspondem a tais propostas com mais comprometimento e habilidade para se posicionarem diante de questões éticas da ciência, da tecnologia e meio ambiente (CALDAS, PEREIRA, WASSEM, 2013).



O papel de recursos audiovisuais no ensino

Nesse sentido, pensando na construção de processos de ensino-aprendizagem que sejam menos enrijecidos, mais porosos às questões cotidianas, às subjetividades e às questões sociais, a imagem e o som se destacam enquanto recursos por meio dos quais se depreendem diversas possibilidades.

A linguagem é comumente considerada como o único vetor legítimo do pensamento, enquanto a imagem é pensada como uma serva do discurso. (CHRISTIN, 2006, p. 64). Um reflexo de tal tradição é visível no ensino no meio acadêmico. Este se dá, em maior parte, por meio da palavra escrita, enquanto os livros detêm predominantemente o status de comunicadores do conhecimento científico. Contudo, os métodos de ensino-aprendizagem, principalmente no campo das humanidades, têm sido repensados a partir da ideia de que estes podem ser enriquecidos através de outros suportes da comunicação humana, como a fala e as imagens.

As transformações nos meios de ensinar e fazer pesquisa no contexto das universidades envolve a necessidade de compreender processos e acontecimentos de uma sociedade que é constantemente perpassada pelas imagens. É necessário ir além de teorias comumente reproduzidas sem muita reflexão para uma compreensão mais profunda de processos diversos que, via de regra, são estudados apenas superficialmente.

As imagens podem representar um suporte para o levantamento de reflexões e produção de sentido, uma vez que são dotadas de uma potência de discurso. Samain (2012, p. 155) comenta a respeito do que ele chama de virada cognitiva e comunicacional, que esta nos impulsiona a redescobrir não apenas as funcionalidades heurísticas diversas das imagens, mas também seus profundos valores de uso. Redescoberta tal que, segundo o pesquisador, se torna tanto condição como exigência de nosso futuro.

Estudar as imagens implica em desenvolver processos de compreensão de memórias que porventura existam por trás delas e mesmo das próprias palavras. Apoiado no pensamento de Anne Marie Christin, que se dedica a estudar a relação entre texto e imagem, Samain afirma, a respeito da escrita, que esta é uma dupla imagem e que “longe de serem a mera transposição e codificação da fala, as figuras e os signos que a constituem não podiam emergir e tomar corpo senão a partir de um suporte, de um fundo, de uma tela branca, a qual era uma outra imagem.” (SAMAIN, 2012, p. 155).

Se a escrita carrega imagens em si mesma, pensar as imagens, por outro lado, nos leva a refletir acerca de memórias e signos, que envolvem também a enunciação de ideias por meio das palavras. Por isso, o conjunto formado pela fala, imagens e escrita promove a soma de sentidos, ao invés de um sistema de oposições. A respeito dessa complementaridade da relação entre imagem e escrita, podemos citar a afirmação de Mitchell (2015, p. 167) de que as imagens, silenciosamente, nos devolvem o olhar através de um abismo não conectado pela linguagem. Para Christin (2006, p. 63) a imagem é capaz de revelar o invisível. E, por que não, o indizível?

A utilização das novas tecnologias em sala de aula como suporte para se transmitir conhecimento está muito em voga nas discussões pedagógicas atuais. Dentre as novas tecnologias, as mídias digitais se destacam e estão presentes em praticamente toda sala de aula, mais ainda no cotidiano dos estudantes. Através delas é comum a prática de produção de imagens e vídeos e sua divulgação constante em rede.

Os recursos audiovisuais figuram nesse contexto, ocupando um lugar de destaque dentre as possibilidades de aliar imagem, som e tecnologia para a prática de ensino. Podendo derrubar zonas de fronteira, possibilitando o estabelecimento de diálogos entre diversas áreas do conhecimento. Levando também os estudantes a explorar científica e criativamente terrenos habitados por eles, porém pouco pensados e problematizados.

A realização de documentário em processos de ensino

A produção de filme documentário foi uma ferramenta utilizada nas disciplinas das quais participei, enquanto aluna e estagiária. Através das duas experiências, tornou-se possível a percepção de como a realização da atividade proposta foi fundamental para o estabelecimento de relações mais profundas entre estudantes em formação e a sociedade. Funcionando também como um facilitador da construção de relações entre os recursos audiovisuais e os diversos campos de pesquisa. Considerando que o documentário constitui um campo cinematográfico amplo, que nesse contexto não pôde ser explorado em toda a sua complexidade. Por meio de sua adoção, ainda foi possível estabelecer um diálogo, mesmo que superficial, muito relevante entre questões relacionadas ao cinema e à antropologia, sobretudo na pós-graduação.

Além da possibilidade de estabelecer essas relações, o documentário possibilita a inserção da imagem no processo de ensino e expande-o para além do espaço das universidades. Na experiência que tive com as disciplinas citadas, o fato de ir a campo tornou o conhecimento adquirido em aulas passível de ser aprofundado e até mesmo questionado e compartilhado. Logo, levar as inquietações do trabalho de campo para a sala de aula, tornou-a um espaço poroso, que fez do material colhido uma oportunidade de reflexão, diálogo e elaboração de processos de pesquisa e criação.

Como afirma Peirano (2014, p.381), a teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos e com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual. Esse processo pode ser facilitado no meio acadêmico pela produção de documentários, enquanto uma atividade mediadora que resulta na combinação do trabalho de campo com a imagem em movimento.

A produção audiovisual enquanto metodologia de ensino e método avaliativo: relato de uma experiência com a produção de documentário

Antes de iniciar o relato que me proponho a fazer, acredito ser importante tecer um breve comentário a respeito do campo de estudos em moda. Situando assim a disciplina na qual a experiência de produção de documentário foi vivida.

Não há uma definição muito aprofundada a respeito da moda e de seu lugar na cultura e na universidade, seja enquanto fenômeno ou como área de estudo. O ensino superior de moda no Brasil é relativamente novo. Sem lugar fixo, a moda transita entre os campos da arte e do design, o que aponta para os aspectos interdisciplinares, gerados a partir do encontro com outros campos do conhecimento.

Contudo, o currículo de maior parte dos cursos de Moda do Brasil, tanto de universidades particulares quanto das universidades públicas, tem caminhado para moldes que tendem ao tecnicismo, deixando em segundo plano as questões relacionadas à atuação dos estudantes na sociedade através de seu papel enquanto universitários e futuros designers.

Como resultado disso, o curso tem adquirido formatos de menos de quatro anos de duração, além de um enfoque muito maior no preparo desses estudantes para obter carreiras “bem-sucedidas” (por sucesso entenda-se boa remuneração) em detrimento do desenvolvimento de competências para lidar com problemas práticos, de interesse coletivo e da capacidade de associar conhecimento e técnica de forma inteligente e criativa.

Neste contexto, os métodos de avaliação escrita, através de provas e produção de texto e os métodos de avaliação oral, como os consagrados seminários, são recursos recorrentemente utilizados pelos professores de disciplinas como História dos Têxteis e do Vestuário e História da Moda. Contudo, esses métodos não favorecem o engajamento dos discentes com o conteúdo estudado e não promovem uma avaliação crítica do conhecimento adquirido por eles através das disciplinas.

O estudo de história da moda, contudo, está para muito além das roupas e dos tecidos. Ele envolve a compreensão de processos sociais, econômicos e políticos que se dão a partir de uma análise crítica de informações e imagens e da sua contextualização. Esta compreensão promove a formação de profissionais com as competências necessárias para lidar com o mercado em que atuarão, levando em consideração questões relevantes à sociedade e à ética no exercício da profissão de designer.

É nesse contexto de métodos e técnicas de ensino presos na repetição que a disciplina de História dos Têxteis e do Vestuário geralmente acontece. A disciplina no formato então ministrado no curso de Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais (UFG), cuja responsável foi a professora Dra. Rita Moraes de Andrade, possui, entretanto, um enfoque mais amplo.

Trata do têxtil e de sua aplicação no vestuário numa perspectiva histórica e social, com ênfase nas sociedades ocidentais modernas. A disciplina apresenta a indumentária, a partir da pré-história, como modo de compreender continuidades e rupturas na concepção de roupas, com o objetivo de apresentar o contexto histórico do vestuário, da moda e da produção têxtil (manufatura e industrialização) como um importante vetor social.

Enquanto estagiária na disciplina ministrada à turma do segundo período do curso; pude acompanhar a proposta, feita pela professora Dra. Rita Morais de Andrade, de produção de documentários como método avaliativo e meio de aprofundamento das discussões propostas durante a exposição do conteúdo da disciplina. A produção foi realizada em grupo e os filmes tiveram a duração de cinco minutos.

A partir da atividade, foi possível explorar a potencialidade das mídias digitais, tão presentes no cotidiano dos estudantes, levando-os à experiência de realização de pesquisa e trabalho de campo. Além disso, ela expandiu a relação entre moda e cinema, partindo do modo como era conhecida pelos estudantes, que tiveram a experiência de elaborar roteiros e produção de imagens. Apesar de não existir uma relação imediata entre o gênero documentário ou da pesquisa etnográfica com a moda, esta ferramenta tornou a sala de aula um campo híbrido e interdisciplinar.

No decorrer do desenvolvimento da atividade pude perceber, logo no início do processo, certa resistência e dificuldade apresentadas pela turma. Um dos fatores que contribuíram para tal posicionamento se deu por não saberem de fato o que é um documentário. A proposta de um novo paradigma de avaliação foi outro desafio. Uma vez que, a princípio, a turma se sentiu desconfortável diante da necessidade de elaborar um trabalho que exigiria uma reflexão a respeito da realidade circundante.

Ao invés de apenas revisitar o conteúdo exposto durante as aulas, esses estudantes tiveram que problematizar questões e buscar compreendê-las através da teoria estudada e da observação do material colhido em campo. Isso os levou a desenvolver uma visão mais prática de como é possível realizar pesquisas a partir do conteúdo que estudavam, deixando de apenas memorizá-lo, problematizando-o.

A primeira etapa para a realização do trabalho foi o desenvolvimento de um roteiro prévio. O desenvolvimento do roteiro permitiu que os grupos menos familiarizados com o cinema pudessem estabelecer um ponto de partida para a captação de imagens e áudio. Contudo, não foi pedido aos estudantes que executassem o roteiro tal como planejado, eles tiveram total liberdade para realizar as mudanças que achassem necessárias ao longo da realização do filme.

A atividade foi encerrada com a exibição dos documentários para a própria turma. Cada grupo pôde conversar com os colegas sobre a experiência que teve com a realização do filme, sobre as questões que os levaram à definição dos temas abordados e do que os inquietava



a respeito dessas questões. Ao final da exibição, os estudantes tiveram um espaço para tecer comentários sobre os trabalhos, contar como foram afetados e questionar uns aos outros a respeito de suas escolhas metodológicas.

A produção dos documentários promoveu um engajamento mais profundo da turma com a disciplina que, após o primeiro momento de resistência, passou a ver na atividade um potencial para aprofundar-se e levantar discussões importantes para a sua formação, além de serem avaliados de forma mais dinâmica. Este engajamento também resultou da oportunidade que os estudantes tiveram de se expressar, trazendo à tona suas inquietações, o que fez com que a disciplina tivesse um sentido mais prático para a turma.

Relato da produção de documentário enquanto discente

Acredito que a experiência com o estágio docência fez mais sentido para mim pelo fato de eu ter tido a oportunidade de cursar, durante o mesmo período, uma disciplina que me levou a conhecer de forma mais profunda o cinema e a refletir a respeito da produção de documentário enquanto método de pesquisa e de seu papel no ensino.

A disciplina “Trabalho de Campo e Narrativas Digitais”¹, ministrada pelo professor Dr. José Ribeiro, proporcionou a mim a formação de um repertório de leituras a respeito do cinema etnográfico, bem como das soluções que foram experimentadas em diferentes momentos e obras. A partir disso, passamos a pensar, em grupos, na produção de um filme que refletisse sobre as relações estabelecidas em um dos mais tradicionais espaços da cidade na qual a disciplina aconteceu.

A experiência de trabalho de campo, mediada pela produção de vídeo como parte do estudo de relações estabelecidas no parque Lago das Rosas, na cidade de Goiânia, foi para mim desencadeadora de um processo duplo de aprendizagem. Durante a etapa de visitas a campo e pesquisa, foi possível estabelecer a relação com a câmera e com o som e pensá-los, então, a partir da busca pela representação das questões levantadas. A tarefa de pensar a realização de um vídeo documentário em grupo proporcionou trocas de conhecimento, formas de enxergar, questionar e de produzir.

Por outro lado, através da constante orientação do professor Dr. José Ribeiro, dos momentos de conversa em sala de aula e dos questionamentos feitos ao grupo, que sempre movia-nos a novas reflexões; Foi possível enxergar a sala de aula como espaço de diálogo, e o professor como facilitador do mesmo.

¹ Cursada durante o segundo semestre do curso de mestrado em Arte e Cultura Visual, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG).



Considerações Finais

A experiência com a produção de um documentário foi bastante distinta nos dois contextos nos quais se deu. A experiência enquanto aluna, que se deu no contexto de uma disciplina de pós-graduação, foi muito mais densa em termos técnicos do que a experiência que observei a partir do desenvolvimento dos trabalhos dos estudantes da graduação em Design de Moda, durante o estágio docência.

Nos dois casos, a mediação de recursos audiovisuais possibilitou um redirecionamento do olhar dos estudantes para além da teoria, da sala de aula e mesmo da disciplina. Levando-os a lidar com desdobramentos do que se discutiu em sala de aula através dos questionamentos que os perpassavam. Na disciplina de História dos Têxteis e do Vestuário, os estudantes chegaram a estabelecer diálogos entre a história da indumentária e política, cultura e sociedade.

Porém, foi notável entre os trabalhos apresentados a dificuldade que estes alunos tiveram de desenvolver materiais audiovisuais com um conteúdo que correspondesse, de fato, ao cinema documentário. Além de uma grande disparidade no que diz respeito à qualidade dos vídeos produzidos, considerando aspectos como qualidade da imagem, áudio e técnicas montagem, entre os trabalhos produzidos pela turma.

Foi possível perceber que, apesar do objetivo não ser necessariamente o de formar realizadores, é necessário oferecer ferramentas para que os estudantes possam elaborar bons trabalhos a partir do conhecimento de métodos de produção e da história do cinema documentário. Como afirma Ferraz (2014) “Precisamos estudar a história da técnica de produção audiovisual. Mais do que isso, temos necessidade de nos apropriar dela de modo criativo, desenvolvendo soluções particulares para pesquisas concretas.”.

Considerando o curto período de duração das disciplinas, bem como a dificuldade de abranger propostas mais complexas, acredito que atividades como esta merecem um espaço mais amplo para serem desenvolvidas no âmbito acadêmico. A criação de um projeto de extensão voltado para a produção audiovisual, que aconteça em conjunto com disciplinas de teor mais teórico, parece ser uma boa alternativa para combinar a antropologia visual, através do cinema documentário etnográfico com disciplinas como a história do vestuário, que propõe o estudo de comportamentos e práticas culturais em contextos diversos.

Projetos com propostas semelhantes, que sejam voltadas não apenas para o aprendizado de um determinado conteúdo, mas que sejam voltadas para o cumprimento da relevância social desses estudantes, e também funcione como atividade curricular estruturante de sua formação acadêmica; têm o poder de contribuir com o enfrentamento de desafios relacionados à sua atuação profissional e com a sua inserção social no campo conexo à área de conhecimento ao qual pertencem.

Além da questão social envolvida nesta proposta, haveria também a possibilidade de estreitamento de fronteiras entre os estudos visuais e demais áreas de estudos, como as ciências da natureza e exatas, por exemplo. Isso se daria por meio da formação de estudantes capazes de interpretar e compreender o potencial de significado e de discurso que as imagens possuem. Considerando que elas fazem parte de todo o meio que os circundam e que é necessário saber olhar para elas de forma crítica.

Referências

BAGGIO, Eduardo Tulio. **Da teoria à experiência de realização do documentário fílmico**. 2014. São Paulo: Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CHRISTIN, Anne-Marie. A imagem enformada pela escrita. In: ARBEX, M. (Org.) **Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários Faculdade de Letras UFMG, 2006, p. 63-106.

EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STHUR, Patricia. **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paidós, 2003, p. 39-92.

FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo. Etnografia em filme e ensino de antropologia: apontamentos de sala de aula. In: FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo; MENDONÇA, João Martinho de. (Orgs.) **Antropologia Visual: Perspectivas de Ensino e Pesquisa**. Brasília-DF: ABA, 2014, p. 35-50.

MARTINS, Raimundo; SÉRVIO, Pablo. Reflexões sobre cruzamentos entre Imagens, Mídia, Espetáculo e Educação a partir da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Culturas das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2016 (2ª edição revista e ampliada), p. 245- 274.

MITCHELL, Thomas. O que as imagens realmente querem. In: Emmanuel Alloa (Org.). **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p.165- 189.

PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. **Revista Horizontes Antropológicos**. ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/ arquivo, desejo. **Revista Visualidades**, Goiânia v.10 n.1 p. 151-164, jan-jun 2012.

Documentos eletrônicos

CALDAS, Tania Alencar de; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; WASSEM, Joyce. Formação profissional, básica ou geral: o que pensam estudantes da Unicamp. **Revista Ensino Superior**, Nº 10, Vol.2, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/formacao-profissional-basica-ou-geral-o-que-pensam-estudantes-da-unicamp>. Acesso em: 15 jan. 2018.

COELHO, Rafael Franco. Algumas notas sobre a história do cinema documentário etnográfico. **Revista Comunicación**, Nº10, Vol.1, p. 755-766, 2012. Disponível em: http://www.revistacomunicacion.org/pdf/n10/mesa4/059.Algumas_notas_sobre_a_historia_do_cinema_documentario_etnografico.pdf. Acesso em: 28 jan. 2018.

RIBEIRO, Renato Janine; MELLO, Alex Fiúza de; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **Por uma Universidade socialmente relevante**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne_alexfiuza.pdf. Acesso em: 22 jan. 2018.

Minicurrículo

Alliny Maia Siqueira de Carvalho

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. É bacharel em Design de Moda pela Universidade Federal de Goiás (2013). Possui especialização em Gestão de Processos Produtivos do Vestuário pelo SENAI (2015). Possui interesse de pesquisa focado em assuntos que abordam Cultura, Moda e História da Indumentária. Integra o grupo de pesquisa INDUMENTA- Dress and Textiles Studies in Brazil.

